

**AMAR – SEMEAR :
A ALEGRIA DO ENCONTRO**



**FEDERAÇÕES
C P M**

8^{as} Jornadas Nacionais Extraordinárias
50^{as} Jornadas Internacionais

29-30-31 Outubro 2016
Cité Saint-Pierre em Lourdes

**«A iniciação ao sacramento do
matrimónio»**

.....por Christian Salenson

Se a preparação para o matrimónio, como diz o papa Francisco « não consiste em expor-lhes o catecismo nem em saturá-los com demasiados temas, pois não é o facto de saber muito que enche e satisfaz a alma mas o facto de saborear as coisas interiormente », qual é então a atitude pedida aos animadores para desenvolver uma pedagogia apropriada?

«A iniciação ao sacramento do matrimónio»

Qual é a missão de um animador num CPM ? Tal é a pergunta que nos é colocada e à qual devemos tentar responder. Para isso dispomos de um bem precioso que é a vossa experiência. De uma certa maneira já respondeis a esta questão. Assim, procuraremos compreender e provar o que vós viveis, a entender o seu sentido e isto deveria permitir a cada um enriquecer e/ou renovar o seu caminho.

Dispomos também da longa tradição da Igreja e também da reflexão recente de toda a Igreja, não apenas dos bispos e dos teólogos mas também dos fiéis de Cristo leigos, homens e mulheres que, durante os dois anos sinodais, puderam exprimir-se sobre estas questões que lhes são tão próximas. Dispomos de dois sínodos que balizaram o início dum caminho de conversão da Igreja para uma maior fidelidade à sua missão de guardião do mistério da família e para ser um testemunho mais corajoso da misericórdia. Temos finalmente à nossa disposição a exortação apostólica do papa Francisco : Amoris Laetitia, a alegria do amor como se traduz em português corrente mas que literalmente se poderia traduzir por « a vivacidade do amor », título que exprimiria ainda melhor a alegria espiritual na leveza do Espírito Santo.

E acima de tudo, maior que a reflexão da Igreja, dispomos do Evangelho que estará sempre acima do que a Igreja entende hoje em dia, acima das suas práticas e das suas disciplinas até ao dia em que « o Espírito nos terá conduzido à verdade total ».

O que significa ser um animador num centro de preparação para o matrimónio ? Os organizadores deste colóquio desejaram que se respondesse a esta questão tendo em vista a responsabilidade da evangelização. Devemos antes de mais levantar uma ambiguidade em torno do termo evangelização. Este termo designa duas coisas : se for no sentido restrito e muito recente, a evangelização designa o anúncio explícito de Cristo ; se for no sentido clássico mais alargado, a evangelização designa o conjunto da missão da Igreja, à qual pertence o anúncio profético, juntamente com a missão sacerdotal de louvor, de adoração e de intercessão, e da missão real de transformação do mundo na justiça, sobre a qual em última análise se joga o julgamento final da missão : « tive fome e destes-me de comer ... ». Evitaremos, pois, reduzir este termo ao seu sentido restrito de anúncio explícito.

O que é então evangelizar para um animador num CPM ? Para responder a esta pergunta, tentaremos primeiro dizer em que consiste a preparação para o matrimónio, a sua finalidade e o seu conteúdo e depois, num segundo momento, interrogar-nos-emos sobre as atitudes apostólicas e pastorais dos que acompanham os casais com vista ao sacramento do matrimónio.

O fim da preparação

Não nos devemos equivocar sobre a finalidade da preparação para o matrimónio. Digamo-lo claramente ! Nós não preparamos noivos para a celebração do matrimónio ! Nós preparamo-los para o matrimónio. Não os preparamos para receber um rito sacramental, preparamo-los para viver um sacramento, quer dizer, para viver o matrimónio como cristãos. Com efeito, um sacramento não é apenas o ritual no qual é celebrado ! O sacramento do matrimónio é o ritual sacramental celebrado no dia do matrimónio, e também a realidade duma vida de casal vivida no dia-a-dia e enfim o mistério de aliança que está presente na vida e é revelado no ritual. Qual é o mistério do matrimónio ? De que é feito este mistério de encontro e de aliança entre um homem e uma mulher que se dão um ao outro para toda a vida ? De que é feito este mistério de fecundidade do qual os filhos são certamente o sinal privilegiado mas não o único ? Se preparássemos casais unicamente para viver um rito sacramental, então é provável que isso terminasse na noite do primeiro dia. Assim, mesmo a preparação específica da celebração não teria outro fim senão introduzir a esta realidade a longo prazo e ao seu mistério divino... Podemos aliás perguntar-nos se a palavra « preparação » é conveniente para designar este tempo de encontro com casais ? Pode induzir em erro e é provavelmente uma palavra pouco forte face ao objectivo perseguido.

Como fazer para introduzir os casais no mistério do matrimónio ? Um dos meios poderia consistir em dar ensinamentos. Com efeito ouvimos muitas vezes dizer, sob a forma de “jeremíadas” – talvez vós mesmos num dia sombrio tenhais sacrificado a estas lamentações ? - que os jovens de hoje não sabem nada. Sossegai, cada geração disse a mesma coisa da geração precedente ! Pessoalmente a minha fé no Espírito diz o contrário ! Mas voltaremos a falar disto. A preparação para o matrimónio seria então uma boa ocasião para lhes dar catequese e lhes ensinar a fé, salvo que isto nem é o que eles nos pedem, nem o fim da preparação para o sacramento do matrimónio, nem o que pede a Igreja ! Cito a exortação apostólica *Amoris Laetitia* : « Não se trata de lhes expor o Catecismo nem de os saturar com demasiados temas ». E o papa prossegue com o sentido pastoral que lhe conhecemos « porque não é o facto de saber muito que enche e satisfaz a alma mas o facto de sentir e de saborear interiormente as coisas ». A preparação para o matrimónio não consiste pois em ensinar o catecismo mas em sentir e em saborear o mistério de amor que une dois seres até à sua profundidade divina... O fim é « uma iniciação ao sacramento do matrimónio que lhes traga os elementos necessários para poder recebê-lo com as melhores disposições e começar com uma certa determinação a vida familiar ».

Retenhamos a fórmula : o fim é « a iniciação ao sacramento do matrimónio ». O papa falou de iniciação. Não fala nem de formação, nem de ensino, nem de catequese, nem de preparação mas de iniciação. Esta palavra não está lá por acaso. Assim o fim dos CPM seria uma iniciação ao sacramento do matrimónio.

A iniciação

Etimologicamente : ser iniciado é ser posto a caminho. Em pedagogia, a iniciação é um modo de transmissão dos conhecimentos. Quando se quer transmitir qualquer coisa a alguém, pode-se-lhe propor uma aprendizagem. Aquele que aprende por modo de aprendizagem – a condução automóvel, por exemplo – exercita-se com um formador. Alguns conhecimentos só se adquirem pelo modo de aprendizagem. Outros aprendem-se pelo ensino. O mestre ensina o aluno que escuta, memoriza e constrói o seu saber. Outras coisas só se aprendem pela iniciação. É-se iniciado na pintura, na música, nas artes em geral. Pode-se praticar a pintura mas não é suficiente. Pode-se aprender a história da pintura mas também não é suficiente. É preciso ter sido iniciado a apreciar um quadro ou uma obra de arte... A iniciação é o modo de transmissão que corresponde melhor à descoberta das artes, mas também da fé cristã.

Com efeito, quando alguém pede para ser introduzido na fé cristã, é-lhe proposto um percurso de iniciação. O catecumenato é uma iniciação à fé cristã. É feito segundo uma pedagogia que se chama a pedagogia da iniciação. A iniciação faz-se pelos sacramentos, ditos de iniciação cristã, que são o baptismo, a confirmação e a eucaristia. Quando o papa fala de iniciação ao sacramento do matrimónio, estabelece pois uma ligação com os sacramentos da iniciação cristã. A preparação para o matrimónio seria, duma certa maneira, o catecumenato do matrimónio. Contrariamente a uma deriva frequente, o catecumenato não é o tempo da aquisição de conhecimentos mas de alguma forma o noviciado da existência cristã no decurso do qual o catecúmeno aprende a abrir as Escrituras, a estabelecer uma relação pessoal com Cristo, a viver um caminho de conversão. Da mesma forma que se é iniciado na fé cristã pelos sacramentos da iniciação cristã, é-se iniciado no matrimónio pelo sacramento do matrimónio. Mas devemos-nos perguntar agora em que consiste a iniciação.

Pedagogia da iniciação

A iniciação ao matrimónio tem por fim entrar no mistério da aliança duma vida de casal. A iniciação como método de transmissão – e é uma das suas características – faz apelo não só à razão mas a toda a pessoa, o seu corpo e o seu espírito, a sua sensibilidade e a sua inteligência, as suas emoções e os seus conhecimentos. Do mesmo modo que aquele que é iniciado na música sentiu, nalgumas ocasiões, até ao seu corpo, um fragmento de música e entreviu a sua beleza intangível, aquele que é iniciado no sacramento do matrimónio provou em certos momentos a profundidade divina do amor. Saboreou o seu sentido divino. Não basta comprometer-se no matrimónio, é preciso ter apercebido parcialmente a sua profundidade oculta.

A experiência

A iniciação faz apelo à experiência. Esta é uma condição necessária. Na preparação para o matrimónio, a experiência é convocada. Ela tem necessidade de se dizer. Com efeito, Deus revela-se na história concreta dos homens. Ele próprio fala através de sinais, de encontros, de acontecimentos . Quando o amor irrompe entre dois seres humanos, Deus está presente. *Ubi Caritas et amor Deus ibi est !* « Onde há caridade e amor, Deus está presente ». Mas para que esta história se torne e seja reconhecida como uma história santa, ela tem necessidade de ser lida e relida, de tomar forma numa narrativa. Não há iniciação sem releitura da experiência. Não há evangelização sem relato da história vivida.

A preparação para o matrimónio deve permitir e acompanhar esta releitura, em particular dando alguns pontos de atenção para estruturar esta releitura. Convidar-se-á a prestar uma atenção particular a tudo o que, nesta história, veio apanhá-los de surpresa, para além da sua vontade ou as suas escolhas até reconhecer com eles um sinal da graça, um presente que lhes é dado. Prestar-se-á uma atenção particular a tudo o que os transformou, por vezes vindo perturbar a

sua vida. Encorajá-los-emos a actualizar carências ou feridas pessoais. A exortação apostólica chama a nossa atenção para este ponto. Convém com efeito não tapar os olhos perante fragilidades para que possa germinar no seu seio uma novidade de vida. O amor desmascara as fragilidades, tanto as alheias como as próprias. Devemos relativizá-las rapidamente ou silenciá-las quando fazem apelo a uma tomada em conta pessoal e comum. As dificuldades dum casal provêm mais vezes das feridas escondidas de um ou do outro que da própria vida do casal.

Na releitura desta experiência, poder-se-á voltar ao consentimento que eles se vão dar um ao outro. Como surgiu o sim que eles aprendem a dizer-se mutuamente ? Quais são as resistências, os receios, as dúvidas ? Que experiência fazem da força deste consentimento mútuo, do seu poder transformador para cada um e para o próprio casal...

Contrariamente a uma ideia largamente espalhada, e apesar das correntes de pensamento que ao longo da história e ainda hoje desconfiaram da sexualidade, o corpo e a sexualidade na revelação cristã não são desprezados. Pelo contrário, como diz Péguy, só o que é carnal é espiritual . A linguagem do corpo e da sexualidade celebra o que só as palavras não poderiam enunciar do próprio mistério da aliança. O direito faz da consumação do matrimónio uma condição necessária para a sua validade. Não se trata somente do enunciado numa norma jurídica mas também numa afirmação de fé. O dom mútuo dos corpos, inseparável do sim do consentimento, é constitutivo do acto mesmo da celebração do matrimónio. E o que é inaugurado sacramentalmente no dia do matrimónio tem vocação para se inscrever na história do casal. A linguagem do corpo é « a continuidade ininterrupta da linguagem litúrgica » pela qual « a vida conjugal se torna num certo sentido liturgia » .

A leitura das Escrituras

Se o regresso à experiência é uma necessidade, não é contudo suficiente. É preciso também « abrir as Escrituras ». Esta expressão é utilizada no Evangelho de Lucas para caracterizar a pedagogia de Jesus com os discípulos de Emaús . Compete ao acompanhador propor a leitura de passagens das Escrituras. Como se lê a vida, lêem-se as Escrituras. Elas não pertencem ao acompanhador, nem mesmo à Igreja ! Elas têm vocação para se tornarem Palavra de Deus. As suas interpretações são múltiplas e ninguém pode ler os textos no lugar dos noivos. Convém deixá-los ler, familiarizarem-se com um texto e dizerem o que compreendem. Por vezes será necessário, mas somente num segundo momento, à semelhança do diácono Filipe com o funcionário etíope nos Actos dos Apóstolos, completar esta leitura, ou dar-lhe algumas pistas. O acompanhador que abre as Escrituras acredita que estas Escrituras são santas. Sabe por experiência que elas têm vocação para se tornarem Palavra para aquele que se dispõe a escutá-las. Sabe que estas Escrituras santas não estão ao mesmo nível da sua palavra pessoal. Não pode reduzir a sua interpretação ao que ele compreendeu delas nesse dia. Acredita que Deus fala através das Escrituras e tem fé nesta Palavra. Não a domina. Muitas vezes mesmo a sua fecundidade permanecerá escondida aos seus olhos, mas tem fé que esta palavra não retorne a Deus sem ter pouco ou muito fecundado a terra .

Os ritos

Enfim no tempo de preparação para o matrimónio, é importante rezar juntos e celebrar. Os tempos de celebração vêm enriquecer a releitura da experiência e a abertura das Escrituras. Nada pode substituir a linguagem dos ritos e dos símbolos. Nas breves e significativas celebrações podem-se viver aspectos essenciais da iniciação ao mistério da aliança fecunda. Provavelmente falta-nos confiança na linguagem da ritualidade, há demasiado tempo sob suspeita, e estamos em deficit de criatividade para propor tempos de celebração específicos. Os ritos dão o sentido.



A releitura da experiência, a sós ou em grupo, a leitura das Escrituras e os tempos de celebração são os três tempos incontornáveis de toda a iniciação cristã em geral e da iniciação ao sacramento do matrimónio em particular.

O Cristo iniciador

Quando acompanhamos, temos a preocupação de nos colocarmos no lugar certo. Não somos nós que trazemos Cristo. Deus revela-se a Si mesmo, como quer e quando quer, no íntimo das pessoas. O concílio Vaticano II enunciou-o com veemência : agradou a Deus revelar-Se a Si mesmo e falar aos homens como a amigos. Toda a pastoral que não integrou este enunciado de fé perde-se no voluntarismo, no desgaste dos seus agentes e no fruto amargo do desespero. A bem dizer, participamos na iniciação mas o único iniciador é Cristo. Ele é O caminho. Ele está no caminho do encontro de dois seres que se amam, como o Ressuscitado acompanha os discípulos de Emaús sem que eles saibam. Ele fala ao coração dos homens, está presente nas relações, está no amor que dois seres dão um ao outro, porque « Deus é amor ». Ninguém faz a experiência perturbante de um amor humano sem fazer a experiência de Deus. Como diz de uma forma tão bela Martin Buber, filósofo judeu, « Quando um homem e uma mulher se amam, o sopro das colinas eternas envolve-os ».

Talvez os noivos não tenham palavras para o dizer. Talvez a sua representação de Deus esteja desfigurada ao ponto de os impedir de reconhecer o Seu rosto. « Mas, como diz Martin Buber, aquele que tem horror a este nome e que se julga sem Deus, no dia em que, no impulso de todo o seu ser, se dirige ao Tu da sua vida, a esse Tu que ninguém pode limitar, esse invoca Deus » . As pessoas hoje em dia preferem frequentemente outras invocações ao nome de Deus. Se o nome de Deus é único, inúmeras são as palavras para O designar. Compreendo ainda Julie que depois de me ter contado as suas dúvidas sobre Deus, confessa perante mim com entusiasmo que o que ela vivia com o seu companheiro era verdadeiramente divino ! Como acompanhadores, aprendemos esta linguagem da fé que se diz noutros termos que nos lembramos de decifrar.

Estamos aí no coração do mistério de Cristo. Santo Agostinho diz que na vida, « não há outro mistério senão o mistério de Cristo » . O que é o mistério de Cristo ? Foi-nos revelado em Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus mas este mistério não pode ser limitado à existência terrena de Jesus de Nazaré. O mistério de Cristo é o mistério da junção do humano e do divino. Designa a presença do divino no humano. Compreendemos então que a experiência humana do amor entre dois seres e a sua fecundidade é, no seu carácter incondicional, a própria experiência de Deus. O mistério de Cristo é o mistério divino do amor humano.

Um mistério que se declina em quatro pilares

Este mistério aprofunda-se através do que se costuma chamar os quatro pilares, a saber: a liberdade, a indissolubilidade, a fecundidade, a fidelidade... Mas nenhum deve ser reduzido a uma condição jurídica de validade do matrimónio, nem conduzido a um simples compromisso. Cada um designa um aspecto do mistério de Deus connosco, do mistério da aliança de Deus que se joga no coração da relação conjugal.

O primeiro deles é a liberdade. A liberdade não é apenas a ausência de constrangimentos exteriores ou interiores que tornariam o matrimónio inválido. Sendo a liberdade uma das condições do amor e do compromisso, o matrimónio tem vocação para permitir a cada um crescer em liberdade. Deus revelou-se como aquele que liberta o seu povo e que oferece a cada um viver em liberdade. A liberdade é um caminho que se percorre. A liberdade adquire-



se. A liberdade é uma experiência espiritual que passa por muitos combates. A liberdade não é nem um dado adquirido, nem um estado. É o dom dum conquista. O casal tem vocação para ajudar cada um num trabalho de libertação dos seus entraves interiores. Quanto mais alguém cresce na liberdade mais é capaz de amar. Por receio que a liberdade seja mal compreendida, não se diz talvez suficientemente que a liberdade é um dos fins do matrimónio porque é um dos fins da vida cristã. Como o diz São Paulo na carta aos Gálatas, « Cristo libertou-vos para que sejais verdadeiramente livres ». Esta libertação recebe-se por um lado na relação com o outro e esta liberdade vive-se sob a sua guarda e sob o seu olhar.

Poder-se-ia dizer coisas semelhantes para a fidelidade. Ela não é um estado que seria necessário conservar. É uma longa aprendizagem. A fidelidade não se limita ao facto de não existirem aventuras extraconjugais. Pode-se ser perfeitamente infiéis sem isso ! As amantes e os amantes podem tomar toda a espécie de rostos. Pode-se ser perfeitamente infiel ao outro sacrificando demasiado à sua empresa, ao seu trabalho ou mesmo aos seus filhos. A fidelidade não se define pela ausência de infidelidade sexual mas caracteriza positivamente o conjunto da relação. Como o indica a etimologia, ela é da ordem da fé. Ela é a fé vivida no outro, cada dia renovada e é também a experiência de se receber a fé do outro e a sua confiança. Não se é fiel, torna-se fiel. Torna-se fiel numa partilha constante, numa fé mútua repetidamente dada, num olhar sobre o outro que lhe permita crescer e desdobrar-se.

A aceitação dos filhos faz parte das condições jurídicas da validade do matrimónio mas não tem em conta o mistério da fecundidade. Porque não basta aceitar ter filhos e de se interrogar sobre a paternidade/maternidade responsável. O matrimónio faz experimentar este estranho mistério da fecundidade. Ninguém é fecundo sozinho. A fecundidade não é a eficácia. Na fecundidade o contributo pessoal não é suficiente. Ela depende também do outro e vive-se através do outro. É mesmo preciso renunciar a si mesmo para que uma fecundidade seja possível. A concepção dos filhos é o símbolo por excelência da fecundidade dum casal. Mas casais que não tenham filhos podem também ser fecundos. A totalidade da vida conjugal é chamada a ser vivida num registo de fecundidade. Um entrega-se ao outro e recebe de e pelo outro a força de que necessita para realizar a sua vocação única.

Este laço que dois seres estão em vias de contrair e que se enriquecerá pela sua fecundidade, é indissolúvel. O que diz o direito encerra finalmente uma constatação da experiência. Quando um homem e uma mulher se amam, contraem uma aliança, trazem ao mundo filhos, o laço que contraem é indissolúvel e seria mesmo uma ilusão acreditar que pudesse ser dissolvido. Mesmo se esse laço devesse ser quebrado um dia, ficaria sempre presente porque não se apaga a história entre dois seres, gravada na carne, selada na fecundidade. Este laço não é solúvel, mesmo quando tudo é feito para o esquecer. Ninguém refaz jamais a sua vida. Porque dois seres que se amam escrevem através do seu corpo uma história indelével que mesmo a morte não pode apagar. Eis porque é que cada um vela para que este laço não se rompa mas que ao longo dos anos se torne mais sólido.

Temos necessidade de não coisificar estes grandes eixos que atravessam uma vida de casal e de família e de os agarrar simultaneamente no movimento evolutivo da existência concreta e sobre o horizonte infinito da vida divina.

O lugar dos acompanhadores

Mas então o que fazem os acompanhadores ? Nem vós, nem eu, somos detentores dum saber sobre o matrimónio e ainda menos sobre o mistério do amor. Em verdade, o que é que compreendemos do mistério do amor, do mistério da fidelidade, do mistério da fecundidade, etc.? Nós entrevistamo-lo e provámos dele e a nossa alegria é grande. Mas saberíamos dar-mo-



nos conta dele ou comunicá-lo ? Felizmente não é isso que nos é pedido. Deus revela-se a Si mesmo . Só Deus actua na profundidade das existências e na originalidade de itinerários pessoais que nos surpreenderão sempre porque cada um é único e única é também a relação de Deus com ele. E se a pessoa não conhece Deus, ou mais exactamente não O reconhece, Deus conhece-o há muito tempo. Então o que fazem os acompanhadores ? Criam « as condições favoráveis » para que a acção de Deus na vida dos casais e das pessoas se manifeste, para que o que está latente venha ao de cima, pois « não há nada escondido que não deva tornar-se visível ». Permite à vida ser dita, abre as Escrituras, convida a celebrar.

Iniciar-se a si mesmo

Para participar nesta iniciação, no nosso modesto lugar, foi preciso ter-se iniciado a si mesmo. Foi preciso ter sido deslumbrado pelo que nos aconteceu. Foi preciso sentir-se interpelado perante o mistério do encontro com o outro, ter sido abanado e transformado, ter conhecido felicidades imensas, ter conhecido a experiência do perdão... Contudo isto não será suficiente porque para participar na iniciação de alguém, é preciso fazer uma caminhada com ele. Esquecendo o caminho percorrido, retoma-se o cajado de peregrino, sem nada levar para a estrada e acompanhar aquele outro onde ele está, com as suas alegrias e também os seus medos, na ambivalência irredutível da relação. A vossa experiência ser-vos-á útil. Eis porque há um lugar único para os cristãos leigos neste trabalho de iniciação ao sacramento do matrimónio mas não como o tereis previsto, porque o apostolado e a pastoral nunca são programáveis. A iniciação de alguém faz-se caminhando. O próprio Jesus deu-se ao trabalho de caminhar longamente ao lado dos discípulos de Emaús para os iniciar no mistério pascal . Aquele que acompanha não começa por dizer o que sabe mas por interrogar e dar a palavra ao outro : de que faláveis no caminho ? O que é que vos aconteceu ? Ele refaz o caminho com cada um e certamente o caminho não voltará a ser o mesmo.

E ao mesmo tempo ninguém chega a estar completamente iniciado pois entre o que ele entrevê hoje do matrimónio através da sua experiência conjugal e parental e o mistério de amor que é o próprio Deus, há caminho a percorrer ! Ninguém mediu ainda o comprimento, a largura, a altura e a profundidade do amor de Deus ... Certamente que nós provámos dele e isso teve por consequência atizar ainda mais a nossa sede, e nós acreditámos nele... é por isso que nós falamos ! Mas nós apenas recebemos o sinal e aspiramos à sua plenitude.

O que é acompanhar ? disposições ...

Eis porque somos humildes ! Mais do que modestos, humildes ! Deus é humilde. Ele tomou a nossa humanidade. Humus, humildade e humanidade têm a mesma etimologia. Somos da mesma humanidade, feitos do mesmo barro e é por isso que estamos prontos a fazer uma caminhada e mesmo àquele que nos pede para caminhar uma milha com ele estamos prontos a acompanhá-lo por duas milhas... porque a mesma sede conduz-nos ao mesmo poço.

O acompanhador não está lá em nome próprio mesmo se aí estiver totalmente ele mesmo. Ele está em situação eclesial. Não se autoproclamou mas, em princípio, foi chamado para trazer a sua contribuição. Exerce uma responsabilidade pastoral e por isso gasta tempo para se formar, para reler a sua experiência na fé, para ler as Escrituras. Quando Jesus envia os discípulos, envia-os dois a dois. Em situação eclesial, o acompanhador vive a sua responsabilidade em casal e também em relação com outros casais.

Para acompanhar é preciso a fé viva e não somente crenças, porque se acompanha na fé. Não se pode estigmatizar casais dizendo que não sabem nada ! Quem dissesse isso confessaria



secretamente a sua falta de fé e a sua incapacidade para reconhecer em todos esses outros a presença que os habita. O acompanhador crê que Deus fala e que Ele é Amor. Tem fé nesse homem e nessa mulher que se amam. Acredita que eles fazem a experiência humana do amor divino. O acompanhador crê no Espírito que é como o vento, que sopra quando quer e onde quer e que pode suscitar uma infinidade de caminhos variados, por vezes mesmo um pouco estranhos. Por isso ele não tem nenhuma pretensão para balizar uma única maneira de viver mas permanece aberto para o imprevisível do Espírito.

O acompanhador é um homem/mulher livre. Parte ao encontro sem saber o que se vai passar. Fiel ao ensinamento de Jesus, « não leva nada para o caminho ». Tudo o que aprendeu até esse dia, o que leu do ensinamento da Igreja, a sua própria experiência, tudo isso o alimenta mas ele não procura dizer a todo o custo o que sabe ou o que julga ter compreendido. Não leva nada para o caminho para estar livre no encontro com o outro, com estes casais que ainda não conhece.

O acompanhador acredita que o Espírito não esperou por si. Sabe que existe uma relação vital entre Cristo e cada pessoa, mesmo quando as pessoas não têm disso consciência. Por isso avança com respeito. Tal Moisés perante o fogo do amor no sinal da sarça ardente, tem o cuidado de descalçar as sandálias porque também ele ouviu dizer perante a vida das pessoas : « esta terra é uma terra sagrada ». A terra dum existência humana não se devassa, entra-se nela com precaução, ao ritmo das portas que o outro deseja abrir. À semelhança do diácono Filipe, é preciso que o outro vos faça entrar no seu carro.

Esta disposição de fundo não conduz o acompanhador a uma escuta silenciosa. Esta escuta não é a de um psicólogo mudo mas de uma testemunha da fé. Como Jesus com os discípulos de Emaús, depois de ter escutado o relato dos discípulos, toma a palavra e faz luz sobre a situação com as Escrituras. Abre as Escrituras e dá-as a ler. Diz o que escutou à luz da sua fé, alimentada pela sua experiência.